

Capa

Desafios e excessos da era da informação

Especialistas refletem sobre a necessidade de se aproveitar os recursos tecnológicos em favor do conhecimento



Ilustração: Nelson Cruz

Alessandra Costa

Ler o jornal, assistir à TV, observar os *outdoors*, ouvir as notícias do rádio, acessar e-mail, navegar pela internet, ver as mensagens do celular, participar de fóruns. Atualizar o *Orkut*, o *Facebook*, postar no *Twitter*, inteirar-se das novidades da blogosfera, além de conhecer as inovações tecnológicas que colocam no mercado produtos cada vez mais sofisticados. Essa é uma descrição da rotina na era da informação. Não é por acaso que a lista de tarefas soa tão extensa. A cada ano, a cifra de gigabytes produzidos em conteúdo digital aumenta. Somente em 2009, o volume disponibilizado foi o correspondente a cerca de 100 gigas para cada ser humano. Mesmo que uma pessoa dedicasse a vida para acessar tudo, não teria tempo para chegar ao fim da meta. O desafio é outro: como aproveitar tantos recursos em favor do conhecimento?

A pergunta é um convite para uma pausa no tempo. “Precisamos parar um pouco e refletir sobre o que fazer com esse excesso de informação. Não temos como ler tudo, saber de tudo. E se você se deixa levar, fica o dia inteiro tentando fazer isso e não produz nada”, analisa a estudante de Ciências Contábeis, Alzira Alice de Souza. A proposta faz todo o sentido no contexto atual. Os especialistas

apontam que o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) facilitou o acesso aos conteúdos, mas a capacidade de desenvolver o conhecimento não cresceu na mesma proporção. A exposição a uma infinidade de informações está longe de significar que tudo isso se transformará em aprendizado.

Os dois conceitos, embora estejam próximos, não são sinônimos, de acordo com a professora de Ciência da Informação da PUC Minas, Ana Maria Cardoso: “Um livro de matemática pode registrar a fórmula de resolução de uma equação, mas se a pessoa que o consulta não tiver capacidade de relacionar o exposto ao conjunto de seus saberes prévios, não obterá conhecimento, ainda que saiba ler as fórmulas escritas. A fórmula no livro não deixará de ser informação, mas não irá gerar, ou se tornar, conhecimento”.

Nova era

A popularização da internet e da microinformática, a partir de 1995, abriu as portas para a chegada de uma nova era, marcada pelo desenvolvimento contínuo das chamadas TICs. Esses artefatos formam um conjunto de recursos tecnológicos usados para reunir, distribuir e compartilhar informações, como os sites da web, equipamentos de in-



“Precisamos parar um pouco e refletir sobre o que fazer com esse excesso de informação”

Alzira Alice de Souza

Estudante de Ciências Contábeis

formática e telefonia, por exemplo.

O avanço nessa área tornou possível a crescente produção de conteúdos digitais. Em 2007, foram gerados 281 milhões de gigabytes, mais de cinco milhões de vezes o conteúdo de todos os livros escritos até hoje. Dois anos depois, em 2009, esse número quase triplicou e foi parar na casa dos 800 bilhões “É uma tendência irreversível, não vamos voltar atrás”, alerta o professor de

“Se é impossível vivermos sem todo o aparato tecnológico, é necessário, pelo menos, enxergarmos que é meio, e não fim. Isso quer dizer que devemos nos tornar senhores (e não escravos) dessas ferramentas, fazendo com que elas estejam a nosso serviço”

Vicente Oliveira

Filósofo e professor



Engenharia da Computação da PUC Minas, Rodrigo Baroni. E nem é essa a saída, como defende o especialista. O desafio é saber lidar com esse cenário sem se perder no meio de tantos estímulos.

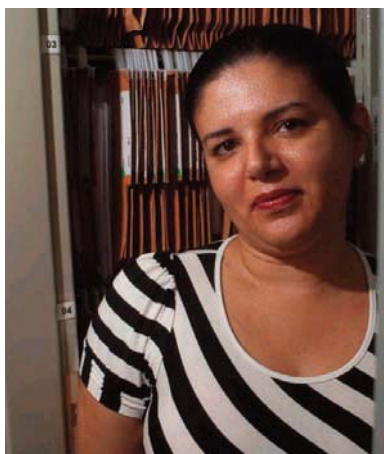
Para o filósofo e professor Vicente Oliveira, da Universidade, é preciso evitar o processo de “absolutização da tecnologia”. “Se é impossível vivermos sem todo o aparato tecnológico, é necessário, pelo menos, enxergarmos que é meio, e não fim. Isso quer dizer que devemos nos tornar senhores (e não escravos) dessas ferramentas, fazendo com que elas estejam a nosso serviço”.

A tarefa exige uma boa dose de reflexão e consciência crítica. E isso implica recuperar algo que parece estar sempre se esgotando. “Corre-se contra o tempo para não ficar desatualizado. Este mesmo tempo que é imprescindível para um mergulho no conhecimento, para a consolidação da sabedoria”, adverte a professora Ana Maria Cardoso.

Fazer uma pausa, “desligar-se da tomada” são exercícios que a própria fisiologia humana exige para reter a informação e transformar o que interessa em conhecimento. Esse período, segundo a psiquiatra Tatiana Mourão, é uma exigência do cérebro: “A aprendizagem depende de tempo. É preciso que a informação seja processada para depois ser armazenada. E se tudo for muito rápido, o processo pode ter deficiências”.

A terceira onda

Esse cenário não é exatamente uma surpresa. Em 1980, o norte-americano Alvin Toffler já anunciava a chegada de uma nova revolução, responsável pela transição para uma sociedade pós-industrial, onde os maiores produtores de riqueza passam a ser a informação e o conhecimento. “Trata-se de uma outra etapa do capitalismo, em que conhecimento se transforma em insumo fundamental da produção de bens e



“Somos bombardeados com milhares de informações todo o tempo. E isso pode nos prejudicar, porque nem todo conteúdo a que temos acesso é válido. A fonte precisa ser confiável”

Renata Machado

Aluna de Ciência da Informação

serviços, em substituição a recursos mais tradicionais, como a agricultura e a indústria”, explica Baroni.

A *Terceira Onda*, descrita na obra homônima de Toffler, chegou sob a forma do que os especialistas convencionaram chamar de Sociedade da Informação e do Conhecimento. “Uma das características dessa civilização é o estímulo à produção de novos conhecimentos, promovido pela competitiva economia globalizada na busca de permanente inovação em produtos e processos, fazendo com que o conhecimento passe a ser visto também como mercadoria”, analisa Ana Maria Cardoso. Para a professora, o desenvolvimento crescente das TICs acelera esse processo de produção e consumo desenfreado de informações.

Essas mudanças, se por um lado são responsáveis por ampliar o acesso

à informação, por outro provocaram uma sobrecarga de conteúdo. A aluna de Jornalismo Viviane Nunes, 23 anos, sabe bem o que é isso: “A gente se perde no meio de tanta informação. Há momentos em que minha cabeça fica cheia. É como um computador, que quando não consegue processar um grande volume, fica lento”. Segundo a estudante, isso gera uma sensação de impotência e estresse: “Sinto isso com frequência, porque não consigo arrumar tempo. Meu e-mail fica lotado e há mensagens que não consigo nem abrir. Outra coisa são os arquivos que baixo; como são muitos, salvo no micro e depois até esqueço. Não dá para ler tudo, ouvir tudo, assistir tudo”.

O sentimento da estudante não é uma exceção. “Coletam-se documentos, links, vídeos, músicas e imagens, mesmo sabendo que não haverá tempo para acessar tudo. O lado perverso dessa transformação é que as pessoas passaram a consumir essas tecnologias sem entender para que elas servem”, comenta Baroni. O desafio, segundo o professor, é filtrar as informações adequadas e organizá-las.

Quando se trata da triagem da informação, a internet passou a ser o principal motivo de preocupação. Os especialistas são unânimes em afirmar que a rede mundial de computadores é uma evolução que ampliou a produção e a disseminação de conteúdos, além de trazer mais comodidade e agilidade aos afazeres rotineiros. Mas também produziu uma quantidade de informação que circula sem controle.

“Qualquer indivíduo, que queira e tenha tempo, pode colocar suas mensagens para o mundo, com ou sem compromisso de veracidade, confiabilidade e ética. Cada ser humano é um potencial ‘autor’ e assim o volume de informações disponíveis cresce de forma avassaladora e livre de qualquer controle”, analisa a professora Ana Maria. É possível não

perder a capacidade reflexiva diante desse excesso de informação? A resposta, segundo o filósofo Vicente Oliveira, é positiva. “Se não podemos fugir dessa profusão de conteúdos, temos que saber filtrar”.

Seletividade

A estudante Alzira Alice de Souza se diz satisfeita com as novas tecnologias. O mundo virtual proporciona à aluna uma série de vantagens. Através dessas ferramentas, ela está realizando o desejo de cursar uma graduação em Ciências Contábeis, por meio do programa de educação a distância da PUC Minas: “Todo esse avanço está me permitindo adquirir um conhecimento que transforma minha vida, me capacitando para uma profissão”. No trabalho, não é diferente. Segundo a estudante, o uso dessas tecnologias torna a rotina cada vez mais ágil e eficiente.

Mas aos 48 anos de idade, com a maturidade de quem conheceu o mundo antes da internet e de outras evoluções, Alzira sabe como se prevenir dos excessos: “Eu sou seletiva. Acesso sites que sejam recomendados. Faço uma triagem pela fonte, buscando artigos e outros documentos que já tenham passado por um crivo”. Para se informar, a rede de computadores também é uma aliada. “Economizo tempo de leitura, acessando diretamente as fontes que têm credibilidade e condensam as notícias mais importantes”, conta.

Opinião semelhante tem a aluna de Ciência da Informação, Renata Machado. “Somos bombardeados com milhares de informações todo o tempo. E isso pode nos prejudicar, porque nem todo conteúdo a que temos acesso é válido. A fonte precisa ser confiável”, argumenta. Quando isso não ocorre, o risco é perder-se diante da quantidade e da variedade.

Segundo a psicóloga Patrícia Pinto de Paula, professora de Ciência da Informação e de Saúde Mental e Trabalho na PUC Minas, a ca-



“A gente se perde no meio de tanta informação. Há momentos em que minha cabeça fica cheia. É como um computador, que quando não consegue processar um grande volume, fica lento”

Viviane Nunes

Aluna de Jornalismo

pacidade de acessar fontes corretas e processar bem a informação é um diferencial importante. “Para viver melhor, temos cotidianamente o trabalho de transformar informação em conhecimento”, ressalta. Mas não é um processo simples, alerta a especialista. Alcançar esse estágio exige mais que o investimento em tempo e trabalho: “Há fatores que estão fora do nosso controle; por exemplo, o acesso a informações complementares”.

A escolha que cada pessoa faz de como usar as tecnologias em favor do conhecimento pode ser definida dessa passagem. Mas, na avaliação de Baroni, ocorreu uma substituição da utilidade desses recursos. O professor cita como exemplo o uso indiscriminado da internet, como um aluno que copia um texto da rede. De acordo com ele, esse

estudante teria acesso à informação, mas não conseguiria entender o conteúdo de forma a efetivar a aprendizagem.

“As pessoas querem a coisa pronta. Mas conhecimento não é *fast food*; é fogão a lenha. Precisa haver maturação para desenvolver a capacidade crítica”, avalia. “E o que temos hoje é muita informação e pouca formação”.

O cérebro está preparado?

A exposição ao excesso de informação tem consequências também para a saúde. De acordo com a psiquiatra Tatiana Mourão, ainda que o cérebro seja capaz de se adaptar a novas situações, há um limite de conteúdo que o órgão suporta. A sobrecarga de estímulos pode desencadear reações de ansiedade, tristeza e falta de ar: “A pessoa não consegue absorver tanta coisa. Há uma sensação de perplexidade diante dessa quantidade de informação circulando, pois não é um volume possível de ser processado”.

A ansiedade pelo consumo exagerado de informação pode levar a uma paralisia. Isso ocorre porque a pessoa não consegue lidar com a quantidade de conteúdo a que foi exposta. “A tendência é que a produção seja cada vez maior, e o tempo, mais acelerado. É preciso estar atento à saúde”, alerta a psiquiatra. Além de manter uma boa alimentação e sono, a especialista recomenda reservar tempo para o lazer.

Esses momentos são essenciais também para a aprendizagem. “Temos que aprender a usar o tempo. É preciso desconectar às vezes e reservar alguns instantes para refletir e tomar decisões”, opina o professor Baroni. O professor Vicente Oliveira acrescenta: “É o que chamamos ócio criativo, que nos diferencia dos outros animais e que deve ser usado em favor da coletividade”. ■